

Agatha todas as vezes que podia lhe levava seu filho a Heidelberg, onde elle continuava seus estudos. O amor de Gottfried por seu filho lhe parecia a melhor prova da amizade que lhe tinha; e ella era a melhor penhor da promessa que lhe tinha feito de desposar-se quando deixasse a universidade. Entretanto estas viagens eram ás vezes tristes.

Um dia Wilmar, como se sentisse o maior prazer pelos brincoes de seu filho, disse com um ar desfargado, que encobria profundos designios:

— Agatha, vós me devereis dar este menino, por que não posso viver sem elle.

— Pois nós ambos vos não pertencemos? respondeu ella com ternura.

Gottfried corou de vergonha; elle estava quasi para descobrir a Agatha sua intenção de casar-se com a sr.^a d'Heinthal. Queria levar com si o seu filho para Baviera, onde tinha suas propriedades; e no caso de Agatha recusar-se a isto, elle se propunha dar á mãe uma renda annual para educar o menino, até chegar o tempo de entrar no gymnasio. Contentou-se em dizer a pobre moça, que partia no dia seguinte com Eberhard para aproveitar as feras. Deu-lhe um beijo na face, e deixou-a depois de abraçar seu filho muitas vezes.

— Por que razão me deixas assim tão repentinamente? sem uma palavra, sem um olhar de afeição! Amanhã! e com o sr. d'Heinthal! Amar-me-ha menos do que o dizem suas palavras? Ter-se-ha esquecido de mim? Taes eram as inquietações de Agatha, e apertava seu filhinho ao peito voltando para o moinho. A viuva Engelmanna e a agradável Gertrude procuraram de balde acalmar suas angustias nos dous dias que se seguiram. Em fim no terceiro dia, um mensageiro veio entregar uma carta ao moinho, dizendo que não tinha resposta.

“Minha chara Agatha,

E' inútil embalar-vos por mais tempo em chiméras: imperiosas circumstancias me forcão a enganar-vos.

Não duvideis, me parece, que velarei sempre sobre vossa sorte, e com generosidade; que quereis mais? Quanto a meu fillo saberei persuadir. Analia a que o receba, e prometto-vos não poupar despesas para sua educação e adiantamento no mundo, eu que sou seu pae. Sim, seu pae, desvanego-me d'isso, e te agradeço, gentil Agatha, este presente que me fizeste em dias que estão muito longe de nós. Já passaram, minha chara Agatha, não podiam durar sempre, e só vossa imaginação romanesca faz que me ameis hoje, como nos primeiros instantes do nosso amor. Consentireis porem, como espero, que fiquemos sempre bons amigos.

Permitti dar-vos um conselho, e um conselho desinteressado. Tende compaixão do vosso bom e inconsolavel amante Karl. Recebei-o a contento, e desposae-o que fareis bem.

Não sabeis ainda quanto será facil esquecer tudo que se passou entre nós, quando souberdes do meu casamento com a sr.^a d'Heinthal.

Disei ao pequeno Gottfried que beije e

enxugue as lagrimas que talvez ainda, n'esta occasião, terão de cair de vossos olhos, e acrediteis, minha encantadora Agatha, que sou vosso sincero e votado amigo.

Gottfried Wilmar.

Agatha leu esta carta cruel até o fim, e não permittiu a todas as torturas de seu coração que sahisses em soluços. A viuva Engelmanna e Gertrude, julgavam, com praser, que tão forte golpe não lhe tinha ferido a ella que a pouco não se podia consolar por saber que Wilmar não estava na vilinhança. O pequeno Gottfried dormia em paz em seu berço. Tudo estava sosegado, quando de repente, se lançando da janella ao berço, Agatha pegou no menino e apertando-o em seus braços deu livre curso ás lagrimas que lhe apertavam. — E meu... é meu... disse ella, murcha e térra... é meu... é meu fillo! Depois, como si os gritos do menino atemorizado a houvessem chamado a si, ella o apertou de encontro ao peito, e encostando sua cabeça nos loiros cabellos de seu fillo disse com voz surda e alterada.

— Grande Deus! é esta tua justiça? abandonei-te, e tu tambem me abandonas n'este excesso de infortunio! Oh! não me desampares n'esta hora de ensanguentada ironia e de vil abandono...

Elle teria cahido si não fora sustentada por sua mãe e por sua amiga.

— Misericordia! que é isto! diz Bertha espantada. — A carta! a carta! é a carta que a mata. Ide chamar o medico.

— Bem, bem, minha boa Gertrude; és uma boa moça. Dae-me essa carta, quero despedal-a.

Mas a mão de Agatha estava fechada com tanta força que era impossivel arrancar-lhe o fatal papel. O medico chegou promptamente; mas todo seu saber não pôde prevenir a febre delirante que teve a enferma.

— Ella necessita de repouso, disse o doutor. E sahiu immediatamente para mandar buscar a Heidelberg os medicamentos necessarios. Fizeram sahir do quarto a velha Bertha que esta scena quasi a fasia morrer de dor, e a fiel Gertrude ficou só para velar junto de sua amiga.

Agatha ouviu a partida do medico, e chegando sua mão ao ouvido como para recolher o ruido de seus passos, levantou-se de repente e exclamou:

— Partiu?... Em breve estarão cazados... Toca-me a mim agora!

— Minha boa Agatha, tranquillise-vos; não vos atormenteis com pensamentos cruéis. Tratae de dormir, eu vos peço.

— Diga-vos que não, Gertrude, não posso tranquillisar-me: não haverá somno para mim sinão com a morte. Gottfried, meu fillo, tu não queres morrer? Oh! teu pae não te terá! Teu pad! mas foi elle quem me des honrou! e pôz-se a chorar.

— Graças ao céu, ella se tranquilisa, disse a boa Gertrude. E a doente, depois de ter fallado ainda por muito tempo, adormeceu por fim. Então Gertrude foi atoda pressa consolar a pobre Bertha, e igual-

mente, saber si Karl estava de volta com os medicamentos.

— Ella dorme, disse Gertrude em voz baixa.

— Louvado seja Deus, disse a desgraçada mãe. Pobre Gottfried-zinbo! elle dorme tambem; não sabe, que nasteu na vergonha e nas lagrimas.

— Basta, — senhora Bertha, fende vórgem, e esperemos dias melhores.

Karl não voltava. Gertrude e Bertha adormeceram tão profundamente como a mãe e o fillo. Ellas tinham soffrido tanto, que o corpo e o espirito estavam sem forças; e cónsaram nos primeiros lampejos da esperança.

Ah! a enferma acordou, e, sahindo de vagar do seu leito, sentrou no quanto tem que dormiam sua mãe e sua amiga. Então pegou o fillo em seus braços, e tendo o cuidado de o tirar com tanta precaução que não pôdesse acordar, fugiu de casa sem ter feito o menor barulho.

Onde ia ella com seu precioso fardo nos braços? onde ia ella com tão grandes passos, quando passou por perto de Karl como uma nuvem açoitada pelo vento norte? O mancebo que voltava da cidade, pensou ver passar a alma de sua amada, tão rapido era seu andar, tanto a faziam parecer um phantasma seus vestidos brancos e seus cabellos desgrenhados! Quando elle chegou achou a porta aberta.

— O lá! em nome do céu! porque dormis?

— Eu estava acordada, diz Bertha.

— Em quanto dormeis, tornou Karl, vi passar a alma por perto de mim.

— Grande Deus! exclamou Gertrude que tinha entrado no quarto de Agatha, não está aqui... não está.

— E o menino! e o menino!... gritou a velha mãe semi-morta descobrindo o berço vazio; que fez ella do menino?

Karl se precipitou fora de casa para salvar Agatha si ainda fosse tempo.

Vã esperança! O Necker havia recebido em suas aguas profundas, a ella e seu fillo. Acharam-se seus corpos no outro dia.

E agora a pobre Agatha repousa com seu fillo no cemiterio de Schlierbach. Paz á sua memoria! e oxalá que o anjinho que ella tinha nos braços no momento de sua morte lhe abrisse o caminho do céu!

WASHINGTON IRVING.

A ALMA DO OUTRO MUNDO.

O' tempos em que eu ouvia as historias que me contava uma preta de meu pae, quando nos queria adormecer a mim e a meus irmãos! Lembro-me de vós com saudades, e a não ser as grandissimas surras com que me brindava minha boa mãe em paga das travessuras que eu fazia, por que, — de passagem seja dito, — eu era um rapazinho travesso, bem desejaria voltar a elles, ainda que fizessem pouco caso de mim, como acontecia então, me chama-

sem *fedelho*, e me fisessem retirar da sala quando se fallava em certas cousas que não era permitido ser ouvido por crianças: d'isso bem pouco me importo, mas as surras... as surras... não as quizera agora nem que me dessem um doce. Pois n'esses bellos tempos em que eu cejava e dormia as Ave Maria, me contou a Bernardina, — assim se chamava a preta, — uma historia horrivel, infernal: ella me affirmava ser verdadeira e que havia acontecido na mesma villa em que eu nasci e nas vizinhanças da casa em que moravamos. Famoso narcotico para as creanças é o medo: eu ouvia a historia, cobria a cabeça e dormia somno de innocente que era e sou em que peze a meus inimigos.

Reminiscencias confusas me ficaram d'essa historia; e quando chegou o tempo em que eu podia indagar e fazer meus entes de razão, consegui uma explicação do facto, desfigurado na historia da Bernardina; — mas coitada! não era ella que a havia adulterado, mas sim a maldita tradição que nos dá mentiras por verdades. Eu vou contar o que ouvi a Bernardina: as mães que tiverem filhos em menor idade a decorrem para conta a seus filhinhos, por que, por experiencia propria, conheço que não ha melhor cantilena, nem *tu-tu-ru-ru* mais acalentador do que este.

Na villa em que nasci (que importa o nome?) havia um homem que tinha má reputação entre a gente da terra; diziam que elle tinha pacto com o demonio, que era Judeu, guardava o sabbado, e até disiam, aqui o digo em segredo, disiam que elle era pedreiro livre, e como tal fallava com Satanaz á meia noite, açoitava a imagem de Nosso Senhor Jesus Christo, e fazia outras diabolicas profanações. Ninguém lhe conhecia amigos, não se sabia o que elle comia, cousa extraordinaria em uma villa, emfim todos se exconjuravam quando elle passava e faziam o signal da cruz. O certo é que pelas informações que tirei d'este individuo, elle não passava d'um avarento. Fez uma viagem e como por lá ficasse por mais tempo do que devia viver, todos o tiveram por morto e o juizo de ausentes sempre vigilante na arrecadação dos bens de ausentes, foi tomando conta da casa e dos pobrissimos e antiquissimos trastes que a adornavam. Foram os trastes postos em praça, mas ninguém os comprou, que todos temiam que o diabo os tivesse tocado: a casa e os trastes não acharam comprador e menos quem as arrentasse. Logo que escurecia, o quartearão em que estava situada a casa ficava deserto, ninguém passava por ali, — que todos temiam ver a alma do Judeu montada pelo diabo.

Ah! tempos de fé viva! Hoje qualquer venderá sua alma pelo menor donativo do diabo!

Correram os annos, os homens disseram que estavam illuminados, pouca gente se lembrava já do maldito pedreiro livre; o juizo de ausentes aproveitou a occasião e pôz de novo em almoeda a casa que havia herdado: um estrangeiro a comprou. Este acto faz lembrar a algumas velhas quanto

sabiam aquelle respeito. Todos os habitantes da villa estremeceram, o estrangeiro se ri e tratou-os por supersticiosos; — também não houve epitheto affrontoso que lhe não dessem, e assim ficaram todos bem pagos.

Por si mesmo reconheceu o estrangeiro que não devia zombar tão cruelmente das crenças d'aquelle povo pacifico. Um quarto havia na casa, que por alguma cousa aruinado, e por não haver d'elle precisão, ficou abandonado, e apenas n'elle se guardava algum traste reformado por sua velhice. Passaram-se quatro dias, e o estrangeiro se dava a si mesmo os parabens pela bella aquisição que fizera por tão diminuto preço; a todos contava o grande negocio e dizia que só um defeito encontrava na casa, eram alguns milhares de ratos que d'ella se haviam apossado, e que julgavam pouca cortezia a maneira violenta porque os faziam despejar tendo elles por si a prescripção. Todos o felicitavam por isso, mas havia certa repugnancia n'essas felicitações, certa incredulidade de que gozasse felicidade quem morava em tal casa.

A noite do quinto dia se ia passando como as precedentes: chovia muito e em alguns logares da casa a compassada queda de gotas d'agua convidava a dormir os que não tinham medo, e aos que o tinham em nada era agradável essa musica. Dá meia noite; a casa fica quasi defronte d'uma igreja antiga, em cujas torres se aninhava um bando de corujas: duas ou tres soltaram pios agudissimos no mesmo momento em que o relógio da igreja deu horas; e então sentiu-se na casa do estrangeiro uma bulha como o piso d'alguem que se aproxima com precaução, e finalmente abriu-se com grande estrondo uma porta. A mulher do estrangeiro deixou sahir do poito um gemido suffocado, e entre ella e seu marido houve o seguinte colloquio:

— Não ouviste, marido?

Elle bem tinha ouvido, mas queria mostrar que era tudo tão pouca cousa que não acordara.

— O que? perguntou elle.

— Não ouviste piarem todas as corujas da torre vizinha, as passadas que aqui em casa dava algem, e o rumor que se fez para abrir a porta.

— Não ouvi nada. E' susto teu, não penses n'isso e dorme.

N'sse tempo ouviu-se uma voz rouca, que vinha do interior da casa, e essa voz dizia:

— Que padecer! que penar!

— Ouviste, ouviste agora, marido.

— Eu vou ver o que é.

— Não, marido, não. Seja o que fôr, não te arredes d'aqui.

— Não sei o que pense.... Tudo isto é illusão são os ratos que fazem esta bulha,

— Ratos.... permita Deus que assim seja; e foi pegando logo no seu rosario e resou sete corôas em honra e louvôr da Mae Santissima das Dores, outras sete pelas benditas almas, em fim não houve santo de que se ella recordasse que não ganhasse a sua corôa, até que amanheceu o dia

sem mais nada se ouvir, alem das pisadas que soaram de novo pela casa.

O marido pensou que tendo-se aberto a porta e não se tendo fechado devia ter ficado aberta e foi por isso observar qual seria a porta. Correu toda a casa e todas as portas estavam bem fechadas por dentro, a excepção da do quarto abandonado, que achou aberta, mas tudo estava em seu lugar, e elle attribuiu isso a desleixo dos escravos ou creados.

Todas as noites seguintes houve o mesmo rumor, o mesmo medo. Ninguém sabia a que devia attribuir essas aparições nocturnas; e mesmo o estrangeiro, apesar de sua valentia, não se animava a ir indagar e examinar o que lhe trazia á casa tanto susto e terror, e apenas prohibiu expressamente a gente da casa que fallssem em tal. Todavia de tudo se soube: o povo de novo desertou aquelles bairros, de novo se contaram historias extravagantes. Uns diziam que tinham visto o antigo proprietario vir pelo ar, cahir sobre a casa e entrar por entre as telhas; outros affirmavam a mesma cousa, e acrescentavam que o diabo o escoltava, martyrisando-o. Emfim todos conjecturavam; o estrangeiro persistia em morar na casa, e toda sua familia emagrecia a olhos vistos. As autoridades tomaram o caso em grosso; veio o juiz ordinario com os seus officiaes de justiça, indagou, examinou, perguntou e por fim decidiu que o caso não era temporal mas ecclesiastico, e mandou chamar o vigario. Ora o vigario era homem que acreditava em feitiços, quebrantos, encantamentos etc., e depois de haver feito suas indagações em presenca do juiz ordinario, benzedo-se a cada pergunta que fazia, decidiu que devia o quarto ser benzedo, e para se fazer a cousa com mais solemnidade, veio elle com a cruz alçada e mais padaria com suas vestes ricas, — tudo isto se entende á custa do estrangeiro, — e principiou o exorcismo, demorando-se muito tempo no quarto em que havia o rumor. Direi que o estrangeiro não desejava dar-se em expectaculo á população da villa, mas como o juiz ordinario o ameaçasse com cadeia e carregal-o de ferros, esteve por tudo.

No fim de tudo, o vigario assegurou ao estrangeiro que nada mais devia temer, por que havia com o exorcismo afugentado o diabo bulhento, mas elle não acreditou muito no que lhe disia o vigario e esperou pela noite.

Dava meia noite e parece que se desencadeiou em casa uma legião de diabos; arrastavam-se correntes, agudos lamentos se ouviam; tudo annunciava que si era o diabo o author d'aquella graça, mais se havia assanhado com o exorcismo, gritava a mulher: — Mudemo-nos d'aqui. — Nunca, não se dirá que corri sem ver de que. Dou ao diabo o quarto onde elle faz suas orgias nocturnas, mas protesto que si elle avançar um passo, commigo se haverá. — Parece que o diabo ouviu, e aceitou o presente por que a bulha continuava, mas nupca sahiu do logar em que pela primeira vez representára.

Passaram-se os tempos: a bulha era sentida todas as meias noites em ponto, e como

nada ha a que se não acostume a gente, o estrangeiro e sua familia se acostumaram áquelle rumor de todas as noites, e já mesmo de manhã não iam examinar o quarto e só havia o cuidado de fechar-o. O povo da villa tinha perdido o medo; apenas alguma velha rabugenta se lembrava de ralar do que presenciava, acrescentando que o estrangeiro vendêra sua alma ao diabo para que elle lhe não fizesse mal: todos os mais disiam que a caza era infestada por um diabo de bom genio.

Tinha o estrangeiro um filho que ficára na corte empregado no serviço militar, e que nunca fôra a caza paterna depois que seu pae se estabelecêra na villa de que fallei. Obteve consentimento de seu pae para cazar-se, e depois de contrahido o matrimonio pediu licença por alguns mezes e foi visitá-lo com sua esposa. Apenas chegou, logo lhe contaram o que acontecia em caza: elle admirou-se de que seu pae não quizesse saber o que era que o encomodava todas as noites, e com a franqueza de militar foi sem cerimonia chamando o pae de fraco, e prometeu saber que diabo vinha todas as noites fazer bulha em caza.

A mãe assustou-se, a mulher ainda mais, e ambas tentaram desviar-o de tal empenho; mas elle inflexivel a nada cedeu, e mandou que lhe fizessem a cama no quarto do diabo.

Quando chegou a hora de recolher fizeiram-se novas tentativas, que não poderam abalar a resolução do mancebo. Apromptou suas pistolas, examinou a espada e com estas armas e com um candieiro se foi deitar e esperar o diabo, em quanto toda a gente da caza lhe ficou rezando pela alma, que já o contavam por morto.

Dizem-me que o mancebo depois de se deitar pensára mais a sangue frio no seu projecto e estivera quasi a arrepender-se, mas o demonio da coragem lhe mostrou a vergonha e deshonra de tal arrependimento, e elle fez bôa cara ao perigo que lhe estava imminente. Ora, eu confesso que si fosse ellê não me meteria em tão arriscado passo, mas nem sou valentão, nem militar, e por isso não ha rasão de espanto de qualquer meu procedimento.

Eram onze horas: e o som do sino da igreja que as havia dado resoava ao ouvido do mancebo como o dobre de finados. Essa longa hora que medeava parecia um seculo; ancioso elle esperava pela meia noite e desejava ao mesmo passo que tal hora não houvesse aquella noite, — como a noiva que deseja o momento do *sim* e não quer que elle chegue. De vez em quando resonava um preto, ou se mexia um rato e o mancebo sobresaltava-se.

Emfim a hora soou, — que os relógios e maquinas brutas não se importam com os desejos dos homens e seguem seu impulso, — e como sem duvida o diabo não precisa de relógios para saber as horas, pouco se lhe dava que elles parassem todos. Deu meia noite, e d'ahi a pouco ouviu-se o pisar, como d'um homem que arrasta uma espada. Os passos se foram aproximando do quarto do diabo: o moço saltou

fôra da cama, e, pensando que estava de sentinella, gritou: — Quem vem lá?

O pacifico — *é de paz* — não foi respondido, e continuaram as passadas e a espada continuou a arrastar-se. — Quem vem lá? perguntou de novo o mancebo; mas ou fosse medo, ou fosse somno, ou por qualquer outro motivo, apagou-se-lhe o candieiro, e elle não viu mais nada em torno de si, e apenas ouvia o som das passadas e o tinir da espada.

Felizmente o mancebo estava prevenido para este accidente: logo pegou na pedra, fuzil e isca, petiscou fogo mas não acendeu o candieiro. O medo não lhe havia permitido que o fizesse com tanta presteza quanta era necessaria.

Quem quer que era entrou no quarto as escuras, deu alguns passos e depois ouviu-se um estrondo como d'um corpo que cahia. O mancebo, logo que sentiu que entravam, encostou-se á parede, engatilhou a pistola e esperou que se dirigissem para elle. Tudo se callou por alguns minutos: o mancebo animou-se, petiscou fogo de novo, e conseguiu acender o candieiro. Então elle ouviu uma voz lamentosa que lhe gelou o coração e o fez ficar immovel no meio do quarto.

— Foste á Africa... disia-se, e ahi os antropophagos te comeram as carnes, e deixaram os ossos inseultos... Foste a Africa para pagar pecados... ninguém mais te devia ver...

— Quem é que está ahi? perguntou o jovem militar.

— Tu os pagarás...

O mancebo correu para o lugar d'onde partia a voz e viu de joelhos... Joanna, a criada de seu pae, inteiramente nua e tendo na cintura uma espada velha de seu pae.

— Que fazes aqui Joanna? que vieste buscar? Joanna abriu os olhos, encontrou os do mancebo, e deitou a fugir pelo quarto fôra.

Todos acordam: há grande alvoroço em caza, indaga-se do facto: Joanna tinha um primo extravagante, que fôra a costa d'Africa e lá morrêra, e Joanna... era somnambula.

COLLABORAÇÃO DO GABINETE.

COSTUMES.

O GEITO. (*)

Este rapaz tem pouco geito, dizia muitas vezes minha mãe, que Deus lhe falle na alma, quando eu fazia alguma cousa de travéz. Não ha rapaz com menos geito que tu, repetia todos os dias meu pai, e que Deus tenha... Vm. tem pouco geito, diziam as raparigas quando eu me fingia

(*) Foi este artigo escripto em Portugal e publicado aqui em quasi todos os jornaes, mas a rogos d'um nosso assignante, e porque o achamos digno d'esta publicação o inserimos.

lorpa por fugir da ratoeira do casorio. Compadre, Vm. não ganha geito, me tem dito mil vezes um compadre, que é muito meu amigo!

A mim que sou tão applicado! que sou tão habilidoso! que escrevo menos mal! que leio soffrivelmente! que conto até cem contos sem me embasbacar! que sei cozinhar! que sei tomar pontos nas meias! que sei comprar e vender! que sei mandar, quando se offerece a occasião; e que estou costumado a obedecer! que não tenho medo ao mar, nem á terra, tanto que me affoitei a escrever um periodico nestes tempos difficulosos de contentar a todos os paladares politicos! e que não veja eu fueros de poder ajuntar um bocado de pão para a velhice, em quanto outros mil que conheço se tem adiantado com menos, tem feito progresso com menos talento, e estão ricos, riquissimos, sem ter herdado, nem tirado a sorte grande da loteria. Isto é desgraça! Fô má fortuna! Assim exclamava eu um dia, no excesso de minha paixão, depois de ter feito as reflexões e lamurias que deixo indicadas.

O tal meu compadre, que tinha entrado em minha casa, e ouviu minhas exclamações, me disse: — Olhe compadre: não se afflija, e nem se esteja a carpir com queixas da fortuna, que ella não tem culpa de nada disso que Vm. disse!... — E que diabo sabe Vm. de fortuna, compadre? lhe respondi eu... — Olhe se sei! continuou elle. Tenho visto muito, tenho passado muito, e tenho muita experiencia; crea-me o que lhe digo, que o que Vm. diz causa da pela fortuna, não é senão falta de geito que Vm. tem, tido, e tem para ser gente.

Com esta reconvenção principiei a scismar em que effectivamente podia ser falta de geito, o que eu chamava má fortuna! Mas que diabo é o tal geito? Em que consiste? Onde se aprende? onde se acha? onde se vende? — O compadre!... Não me dirá Vm. por caridade o que é o tal geito que faz a gente gente?... — Olhe compadre, isto tem muito que dizer. Eu bem sei o que é, mas não o sei explicar, apezar de muitas vezes o ter lido n'um manuscrito, que possuo e que comprei aos herdeiros do Pedro Coutinho, que não tinham dinheiro para mandar imprimir. Eu lh'o empresto; e até lhe faço presente delle para, si Vm. quizer, fazer extractos no seu *Artilheiro*, pois que estou certo de que não ha de deixar de agradar á maior parte dos seus leitores.

Teve com effeito palavra o meu compadre; trouxe-me o livro e atirei-me a elle com toda a vontade.

Usando então da faculdade que possuo, ahi vai a correr mundo um capitão.

O frontispicio tem o titulo seguinte: — Espelho da vida, obra util, dividida em 11 partes. — Parte primeira. — Do interesse. — Capitulo setimo. — Do Geito.

O geito é na vida civil o arcano mais difficil de comprehender; o mais necessario de possuir; o mais perigoso de revelar; o mais difficiloso de conhecer! Quem o tem, não o conhece; quem não o tem,